

**“CUIDADO DE SI” E LAZER CINEMATOGRAFICO: CONSTRUINDO  
LIBERDADES E SUBJETIVIDADES A PARTIR DO CINEMA  
ALTERNATIVO\***

**Recebido em:** 12/09/2011

**Aceito em:** 21/03/2012

*Karla Michelle de Oliveira*<sup>1</sup>  
*Maria Isabel Brandão de Souza Mendes*<sup>2</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Natal – RN – Brasil

**RESUMO:** Pensar o lazer enquanto um fenômeno propulsor de novas formas de subjetividades e elemento capaz de engendrar a construção de práticas de liberdade é o mote aqui utilizado para desenvolver uma análise acerca da influência desses momentos no processo de construção de novos sujeitos. As análises empreendidas tomam como norte as noções de liberdade e subjetividade de Michel Foucault e uma acepção de lazer pautada em Marcellino. Trata-se de um estudo de campo de natureza qualitativa em que foram utilizadas as técnicas da observação participante e entrevistas semi-estruturadas com o objetivo de identificar, junto a frequentadores do Cineclube Natal, possíveis relações entre a vivência do cinema alternativo e a (re) construção de novos processos de liberdade e subjetividade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Atividades de Lazer. Liberdade. Recreação.

**CARE OF YOURSELF AND CINEMATOGRAPHIC LEISURE: BUILDING  
FREEDOMS AND SUBJETIVITIES FROM ALTERNATIVE CINEMA**

**ABSTRACT:** Think leisure as a booster phenomenon of new forms of subjectivity and an element capable of generating the construction practices of freedom is the theme used here to develop an analysis about the influence of those moments in the construction of new subjects. The analysis undertaken as north take the notions of freedom and subjectivity in Michel Foucault and a sense of leisure based on Marcellino. This is a field study in which quantitative techniques were used participant observation

<sup>1</sup> Tecnóloga em Lazer e Qualidade de Vida – IFRN e Licenciada em Ciências Sociais – UFRN.

<sup>2</sup> Doutora em Educação. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação Física e do Programa de Pós-Graduação em Saúde da Família da UFRN. Pesquisadora do GEPEC/ UFRN da Rede CEDES do Ministério do Esporte.

\* Versão preliminar deste artigo foi apresentada no XI Seminário Lazer em Debate: territórios e territorialidade em questão, 2010, Natal-RN. As autoras agradecem as sugestões dos pareceristas da Revista Licere que contribuíram com a versão final deste artigo.

and semi-structured interviews with aim of identifying with the Cine Club Natal (RN) goes possible relationship between the experience of alternative cinema and (re)construction of news processes of freedom and subjectivity.

**KEYWORDS:** Leisure Activities. Freedom. Recreation.

## INTRODUÇÃO

Dentre as diversas visões que marcam o fenômeno do lazer faz-se uso nesse escrito da acepção de Marcellino (2002), que entende o lazer como um fenômeno gerado historicamente e o considera como um tempo privilegiado para a vivência de valores que contribuam para mudanças de ordem moral e cultural. Pensam-se os momentos de lazer como impulsionadores de novos sujeitos, novas formas de subjetividade e práticas de liberdade.

O referido autor se propõe a superar as abordagens que se fundamentam numa compreensão funcionalista do lazer e que:

[...] busca a “paz social”, a manutenção da “ordem”, instrumentalizando o lazer como recurso para o ajustamento das pessoas a uma sociedade supostamente harmoniosa, ou fator que ajuda a suportar a disciplina e as imposições sociais e a ocupar o tempo com atividades equilibradas e corretas do ponto de vista “moral”. Contrapõe-se a essa visão do lazer como instrumento de dominação aquela que o entende como um fenômeno gerado historicamente, do qual emergem valores questionadores da sociedade como um todo e sobre o qual são exercidas influências da estrutura social vigente. Assim, a importância do lazer significa considerá-lo como um tempo privilegiado para a vivência de valores que contribuam para mudanças de ordem moral e cultural. Mudanças necessárias para a implantação de uma nova ordem social (MARCELLINO, 2002, p. 48).

À luz dessa concepção de lazer defendida por Marcellino (2002) e em meio a essas necessidades de mudanças, este estudo concebe os momentos de lazer enquanto

especialmente propícios às novas formas de sentir, pensar e agir e relaciona essa ideia de lazer com as noções de liberdade e subjetividade cunhadas por Michel Foucault.

Essas noções, aqui utilizadas, encontram-se fundamentadas na última fase das pesquisas de Michel Foucault, especificamente nas obras publicadas em 1994, 1997 e 2004. Na sua última fase de seus estudos, o foco de suas problematizações volta-se à constituição do sujeito, se debruçando sobre a Antiguidade greco-romana e sobre os primeiros séculos da era cristã, no sentido de tecer aproximações com problemas atuais.

Nesse contexto, Michel Foucault revela novas facetas constituintes de um sujeito dotado de uma capacidade de resistência. Tanto a liberdade, quanto à subjetividade ou as práticas de subjetivação são categorias organizadas no pensamento foucaultiano em torno de uma acepção processualista, contínua e cotidiana. Influenciado pela ascese grega, a liberdade, para Foucault (2004, p. 268) encontra-se imersa em uma perspectiva pragmática, “para praticar adequadamente a liberdade, era necessário se ocupar de si mesmo, cuidar de si”, ou seja, assumir-se eticamente diante da vida. Da mesma forma, o conceito de subjetividade é vislumbrado por meio do mesmo ponto de vista, como a forma própria através da qual os sujeitos se constroem:

Não existe ação moral particular que não se refira à unidade de uma conduta moral; nem conduta moral que não implique a constituição de si mesmo como sujeito moral; nem tampouco constituição do sujeito moral sem ‘modos de subjetivação’, sem uma ‘ascética’ ou sem ‘práticas de si’ que as apoiem (FOUCAULT, 1994, p. 28).

Desanuviados preliminarmente esses conceitos basilares, as análises aqui desenvolvidas empenham-se, especialmente, sobre as vivências de lazer de cunho cinematográfico, em especial àquelas experimentadas dentro do que se denominará neste estudo de *cinema alternativo*, por entender que essa proposta agrega

características diferenciadoras que possuem um grande potencial para a intensificação das relações consigo e com o outro e para a construção de novas formas de subjetividade, que se contraponham às sujeições.

Portanto, o objetivo deste estudo foi identificar junto a frequentadores do Cineclube Natal, possível relação entre a vivência do cinema alternativo e a (re) construção de novos processos de liberdade e subjetividade.

### **METODOLOGIA**

Como elemento fundante das análises aqui erigidas utilizou-se como tipologia de pesquisa o estudo de campo, de caráter qualitativo, desenvolvido durante os meses de abril e maio do ano de 2009, junto aos usuários do Cineclube Natal, localizado na cidade do Natal-RN.

Conforme destaca Gil (2010, p. 57):

[...] no estudo de campo estuda-se um único grupo ou comunidade em termos de sua estrutura social, ou seja, ressaltando a interação de seus componentes. Assim, o estudo de campo tende a utilizar muito mais técnicas de observação do que de interrogação.

Com o intuito de compreender a influência da vivência cinematográfica na construção de novas formas de subjetividade e práticas de liberdade realizou-se junto aos espectadores entrevistas semi-estruturadas e empregou-se a técnica da observação participante nas duas sessões tomadas como objeto. A primeira sessão denominada Cine Vanguarda e a outra Cine Assembléia são exibidas pelo Cineclube Natal no Teatro de Cultura Popular Chico Daniel (TCP) da Fundação José Augusto (FJA) e na Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Norte, respectivamente.

A técnica da observação participante foi adotada com um intuito de obter informações sobre a vivência do cinema alternativo que seriam de difícil captação nas entrevistas individuais, uma vez que o debate desenvolvido entre os espectadores após cada exibição é uma das características principais que distingue o cinema tomado aqui como alternativo do cinema comercial. Dessa forma, o observar dessa dinâmica interativa foi fundamental para relacionar essa experiência de lazer com a possibilidade de construção de novos sujeitos.

A observação apresenta como principal vantagem, em relação a outras técnicas, a de que os fatos são percebidos diretamente, sem qualquer intermediação. Desse modo, a subjetividade, que permeia todo o processo de investigação social, tende a ser reduzida (GIL, 2010, p. 100).

Diante do exposto por Gil (2010) e do objetivo da pesquisa, optou-se por transformar essa observação também em uma participação dentro do grupo investigado. Com o intuito de buscar o “conhecimento da vida de um grupo a partir do interior dele mesmo” (GIL, 2010, p. 103), optou-se por assistir todas as sessões, tendo em vista que as entrevistas aos espectadores foram realizadas após as sessões. Além de assistir aos filmes e comungar das sensações despertadas por cada narrativa, observou-se também o desenrolar dos debates pós-exibições.

Toda a pesquisa de campo e o percurso anteriormente descrito foram desenvolvidos com a autorização do Cineclube Natal<sup>3</sup>. Todas as entrevistas foram realizadas logo após a exibição dos filmes e buscavam encontrar o espectador ainda em êxtase, procurando-se compreender quais os desejos que levaram às pessoas entrevistadas a eleger a vivência do cinema como sua prática de lazer e as condições

---

<sup>3</sup> Aproveitamos o ensejo para agradecer ao Cineclube Natal nas pessoas de Pedro Fiúza e Nelson Marques.

que se impuseram a formar estes desejos. Procurou-se ainda compreender como o filme atuou sobre as sensações de cada um durante sua exibição e o que foi capaz de permanecer depois; se gostaram de passar por esta experiência e, por fim, de que forma estas sensações foram capazes de modificar cada um.

De acordo com as observações realizadas, os usuários do Cineclube Natal formam um grupo segmentado, no geral constituído de jovens entre 15 e 35 anos, homens e mulheres, universitários e de classe média. No momento da pesquisa foram encontradas poucas pessoas fora desse perfil, entretanto todos já tinham concluído ou estavam cursando o Ensino Médio. Essa configuração demonstra o pouco conhecimento que a população natalense em geral tem das atividades desenvolvidas pelo cineclube, ressaltada ainda mais, pela via de divulgação dos eventos realizados, essencialmente no meio virtual, através do blog, das redes sociais e de listas de e-mails.

É válido e necessário esclarecer que no momento da abordagem para o procedimento da entrevista, se faziam presentes quinze usuários quando eram explicados os objetivos do estudo e os cinco primeiros que se dispuseram voluntariamente é que foram entrevistados. Os entrevistados então assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, firmando-se o compromisso de manter suas identidades em sigilo, bem como de utilizar os dados, transcrições ou áudio das gravações, especificamente para fins científicos e acadêmicos.

Dessa forma, no presente relato tomar-se-ão, então, prioritariamente, as falas dos entrevistados a respeito de como as narrativas vivenciadas atuaram sobre esses e que foram capazes de serem modificados. Esses discursos foram relacionados às noções de liberdade e subjetividade foucaultianas, tendo como propósito identificar se as práticas

de lazer podem de alguma forma, impulsionar mudanças capazes de se revelarem concretamente nas ações dos sujeitos.

## **VIVENDO O CINEMA ALTERNATIVO**

De acordo com Bernardet (1981), foi no dia 28 de dezembro de 1895, em Paris, onde o mundo presenciou a primeira exibição pública do que viria a ser denominada tempos depois de a “Sétima Arte”.

Essa arte cinematográfica carregou desde seus primórdios um caráter interpretativo, uma posição, um ponto de vista sobre algo, sobre algum acontecimento ou relação, uma impressão da realidade, que passaria depois a difundir valores, comportamentos, verdades; auxiliando no fortalecimento ou enfraquecimento de determinadas relações de poder.

Pelo uso dos instrumentos e das técnicas modernas de comunicação é possível, hoje, atingir amplos e influentes setores das populações de outras nações para informá-los, influenciar as suas atitudes e, ao mesmo tempo, talvez até motivá-los para os fazer adotar determinadas condutas ou determinados tipos de ação (ALONSO; MATILHA apud FERRÉS, 1996, p. 66).

Essa conjuntura apontada por Ferrés denota, principalmente, a hegemonia dos grandes estúdios e produtoras do cinema estadunidense na cena mundial. No Brasil o monopólio das salas de cinema beira os 90% (DAHL, 2001) e os lançamentos chegam a ocupar mais de um terço do escasso circuito comercial com apenas um filme (GUSMÃO, 2008).

Esta formatação certamente não reflete a pluralidade de interpretações que nascem no cinema e diante do explanado anteriormente, o pensamento de Marcellino (2002) em conceber o lazer como um tempo privilegiado para a vivência de valores que

contribuam para mudanças de ordem moral e cultural perde o sentido, uma vez que suas características potencialmente críticas e criativas se evadem frente à impossibilidade de escolha que limita o espectador. Em outras palavras, a monopolização das interpretações narrativas e estéticas nos espaços cinematográficos seria mais uma forma de reajustar os sujeitos à sociedade, tratando funcionalmente uma das práticas de lazer mais difundidas na contemporaneidade sob a ótica da disciplinarização dos corpos e das relações de saberes e poderes que a todo o momento buscam a domesticidade dos processos de subjetivação.

Nesta luta cotidiana dos que fazem e vivenciam o cinema com o objetivo de desmistificar sua prática, proporcionando a descoberta de narrativas onde, mais que aparecer quem fala, se faz necessário descortinar que esta narração possui muitas vozes que se calam frente à dominação cinematográfica dos grandes países produtores, surgem espaços de cinema alternativos que caminham na contramão da massificação dos *circuitões*, salas multiplex que se espalham por todo o mundo.

Respeitadas as possibilidades concretas de escolha dos sujeitos, as vivências de lazer apresentam um grande potencial para a intensificação das relações consigo e com o outro, para a vivência de novas formas de sociabilidade, construção de subjetividades e para a prática da liberdade, uma vez que se compreende que não é apenas rompendo correntes que se estabelecerá a liberdade, mas, seguindo neste sentido o pensamento foucaultiano, se faz necessário que esta liberdade seja tomada e praticada eticamente.

A partir do exposto, a concepção que se tem aqui acerca do que se está chamando por “cinema alternativo” é aquela que concebe essa prática enquanto uma vivência de lazer experimentada fora do cinema comercial em espaços como o pesquisado neste trabalho, o Cineclube Natal. Este espaço oferece opções diferenciadas

das programações do circuito de cinema comercial da cidade do Natal-RN, a preços acessíveis ou gratuitos e possui características próprias distinguindo-se do cinema comercial em diversos aspectos que se mostrarão potencialmente importantes na construção de novas formas de subjetividade e de relação consigo e com o outro.

Dentre as características do cinema alternativo, destacam-se a diversificação da programação, a possibilidade de escolha e sugestão do espectador, a promoção de discussões, a preocupação com a formação das platéias e ainda a acessibilidade no preço dos ingressos, dentre outras. Essas especificidades distinguem os espaços onde são exibidos os filmes do Cineclube Natal enquanto um lócus privilegiador de uma experiência de lazer que pode ser capaz de fomentar as mudanças de valores de ordem social já tão faladas e pouco vislumbradas concretamente.

Torna-se relevante ainda refletir sobre a distribuição dos espaços de cinema no território brasileiro, onde apenas 8,7% dos municípios possuem salas de cinema<sup>4</sup> sobre a política monopolista que vigora sobre a programação dessas salas, concentrada “geralmente em multiplexes com ingressos que chegam a custar R\$ 21,00” (GUSMÃO, 2008, p. 3).

Nesse contexto, mais que uma alternativa aos espaços formais de cinema, os espaços alternativos como os cineclubes se mostram como uma opção mais acessível, tanto em termos de custo econômico, quanto de diversidade narrativa e estética, para quem deseja encontrar na vivência do cinema uma prática de lazer que seja capaz de contribuir mais efetivamente com a superação da imposição de modelos, favorecendo a

---

<sup>4</sup> CULTURA EM NÚMEROS: anuário de estatísticas culturais 2009. Brasília: Ministério da Cultura, 2009. Disponível em: [http://www.cultura.gov.br/site/wp-content/uploads/2009/10/cultura\\_em\\_numeros\\_2009\\_final.pdf](http://www.cultura.gov.br/site/wp-content/uploads/2009/10/cultura_em_numeros_2009_final.pdf). Acesso em: 01 fev. 2010.

autorreflexão dos sujeitos, considerado como um dos elementos importantes do “cuidado de si”.

É importante esclarecer que, embora se esteja ressaltando as potencialidades e especificidades tanto do ato de ver o filme em um espaço destinado especificamente a esta prática, quanto das potencialidades desta vivência quando experimentada em um espaço com as características do Cineclube Natal, não se pretende hierarquizar de um lado o cinema comercial enquanto exclusivo difusor de ideologias e saberes exacerbadamente disciplinares, enquanto que do outro se encontrariam os espaços alternativos, os cineclubes, personificados na figura de salvadores e libertadores dos corpos. Muito menos estabelecer valores às experiências de lazer vivenciadas nos diferentes espaços.

O que é imperativo neste estudo é que o cinema alternativo apresenta características próprias, já elencadas anteriormente e que podem impulsionar a construção de sujeitos mais críticos e criativos por meio da flexibilização dos métodos disciplinares que se impõem sobre estes sujeitos e suas subjetividades.

As sensações que se estabelecem entre o espectador, personagens e narrativas podem ocorrer com qualquer filme e em qualquer espaço. A sala escura possui uma aura que auxilia ao espectador a entrar no filme. É um momento solitário onde a relação se mantém com corpos inverossímeis. A este contexto os espaços alternativos se colocam como uma opção de entretenimento e de educação, recuperando o caráter de desenvolvimento do lazer que por tantas vezes é negligenciado e possibilitando que surjam deste relacionamento posturas questionadoras e reflexivas, sem perder de vista a diversão e o prazer.

## **SUBJETIVIDADE E LIBERDADE: CONSTRUÇÕES COTIDIANAS**

A prática da liberdade e de novas formas de subjetividade parecem inatingíveis frente à complexidade das técnicas que gestam as relações de poder na sociedade, intencionando como objetivo maior o controle dos corpos e da subjetividade.

Neste sentido, embora a palavra liberdade evoque sentidos diversificadamente intensos, quando problematizada sob a luz do pensamento foucaultiano, enquanto uma prática cotidiana eticamente expressa nos modos de “auto-formação” exercidos por qualquer sujeito, pode-se por um lado destituí-la do caráter utópico que o senso comum normalmente atribui a esta noção, mas por outro, a ideia tão almejada de ser livre parece muito mais próxima de cada corpo. Portanto, a liberdade para Michel Foucault não possui uma essência, mas é concebida por sua singularidade a partir das relações entre os sujeitos (FOUCAULT, 2004).

A noção de liberdade praticada eticamente, abordada pelo pensamento foucaultiano através da cultura antiga, relacionava-se a maneira de cada um ser e conduzir-se. De acordo com Foucault (2004), para que essa prática da liberdade tome uma forma de um *ethos* belo é preciso um trabalho de si sobre si mesmo. Uma construção processual, paulatina e cotidiana.

Do mesmo modo, a possibilidade de construção de novas formas de subjetividade passa por esse processo diário. Pois, de acordo com Sousa Filho (2007), embora vivida como uma substância natural e universal, a subjetividade é social e historicamente construída. Essa relação entre a subjetividade e a história é exemplificada por Foucault (1994, p. 29), quando o filósofo se remete a “uma história da ‘ética’ e da ‘ascética’, entendida como história das formas da subjetivação moral e das práticas de si destinadas a assegurá-la”.

Para tanto, as lutas de resistência pela prática da liberdade estão postas exatamente na contramão do método disciplinar que operacionaliza o controle minucioso dos corpos e da subjetividade. Assim, para que se estabeleçam a concretude destas lutas se faz necessário que não se olvide da habilidade de ação dos sujeitos e da capacidade de reflexão de cada corpo, conforme explicita a fala da entrevista abaixo:

É um filme de verdade bom. Mereceu os prêmios que ganhou. Conta uma história com sensibilidade, com boa direção. Enfim, é um filme muito bem feito, do ponto de vista técnico e do ponto de vista do entretenimento também, *faz pensar...* (administradora de empresas, 34 anos, grifo nosso).

A partir do depoimento da entrevistada identificamos que “o corpo humano não está condenado a obedecer sempre às normas instauradas, pois é capaz de tecer confrontos” (MENDES, 2007, p. 42). Esta capacidade de oposição e reflexividade encontra nas práticas de lazer, onde as escolhas se pretendem voluntárias, momentos potencialmente propícios a exercícios de resistência.

No cinema, as narrativas, ainda que expressem um ponto de vista por vezes hegemônico, nunca atingem uma plateia da mesma forma; cada corpo engendra, a partir dos encontros e desencontros que formam o conjunto de suas experiências, suas próprias sensações, como pode ser observado nas falas abaixo:

Ele [o filme] mexe muito com as emoções da gente (universitária, 19 anos).

Tinha umas horas que dava medo... (recepcionista, 22 anos).

Me senti meio que na história do filme. Eu vi a minha história (estudante, 19 anos).

A partir das distintas sensações expressas pelos entrevistados acima é possível compreender que, embora cada filme seja encaminhado de modo distinto para evocar

sentimentos dos espectadores e difundir valores, quando se pensa nos modos de recepção das mensagens que se encontram nas narrativas cinematográficas, vem à tona o papel ativo que cada espectador pode manter na relação com o filme emissor. A plateia de um filme é composta por uma infinidade de relações subjetivas que formam cada um dos corpos espectadores. Por conseguinte, é impossível que todos estes corpos recebam a mensagem passada pelo filme vivenciado da mesma forma.

Nesse sentido, para o pensamento foucaultiano a forma traduzida da liberdade é o próprio ato de refletir-se “sobre os modos de vida, sobre as escolhas de existência, sobre o modo de regular a sua conduta, de se fixar a si mesmo fins e meios” (FOUCAULT, 1997, p. 112). O processo reflexivo para uma das entrevistadas é exposto da seguinte maneira:

Não sei explicar muito bem, mas o cinema é uma espécie de projeção que você faz, então no fim das contas você vivencia através da tela coisas da sua própria vida (administradora de empresas, 34 anos).

A intensidade da relação estabelecida em algumas horas de “convívio” no universo cinematográfico para o qual foi teletransportado o espectador é extrema e incide diretamente sobre suas subjetividades. De forma distinta, estas subjetividades são abaladas, algumas vezes momentaneamente, outras definitivamente, como expresso nas diferentes falas a seguir:

Bom eu sempre parto do pressuposto, se eu gostei de um filme ou não, se eu sair do cinema diferente de quando eu entrei. Ou melhor, ou pior, com uma emoção... então é um filme bonito, bem feito, reflete bem os problemas da adolescência, então eu saio com uma certa nostalgia... (administradora de empresas, 34 anos).

Eu me sinto com um conhecimento novo. Vi outra realidade que eu não conhecia (universitário, 24 anos).

O reconhecimento do estado de mudança provocado pela experimentação de um filme expresso nas falas dos entrevistados é emblemático para a compreensão de como a vivência do cinema influencia esta relação consigo e prioritário para se entender como desta relação podem surgir novas subjetividades que proporcionem focos de resistência e práticas de liberdade.

A concepção greco-romana revela, segundo o pensamento foucaultiano, que “para se praticar adequadamente a liberdade, era necessário se ocupar de si mesmo, cuidar de si” (2004, p. 268). Neste sentido, para Foucault (2004), a liberdade é uma prática ética que, embora não seja necessariamente o cuidado de si, se realiza nestes cuidados que os sujeitos dispensam a si mesmos. É notório perceber a atenção a si no discurso de um dos entrevistados, como pode ser identificado abaixo:

A partir do momento que eu passo a vivenciar aquele mundo novo, de alguma maneira eu passo a ver melhor a minha existência cotidiana, meu mundo (universitário, 24 anos).

O desafio está, então, em aliar arte e vida construindo o que para o pensamento foucaultiano se configuraria como uma “estética da existência”. As práticas de si visam, nesse sentido, uma arte do viver, tendo como objetivo a autotransformação. O resultado dessas práticas surge para Sousa Filho (2007, p. 7):

quando o sujeito exercita-se pelo pensamento a considerar como devendo produzir-se como uma obra de arte, permanecendo mestre de si, vivendo consigo mesmo, repousando em si próprio, refletindo sobre a natureza de seu próprio governo, sendo o sujeito ético que se pensa, sendo capaz de agir em função de uma verdade, e devendo sê-lo pelo exercício da reflexividade e da ação.

O que se tem ressaltado, portanto, são as potencialidades dos “espaços-tempo de lazer como de grande fertilidade para o exercício do cuidado de si, fundamentando processos renovados de subjetivação” (VILLAVERDE, 2001, p. 112).

Nesse sentido, as atividades de lazer, em especial aquelas que apresentam características similares às práticas e proposta aqui estudadas, podem ser consideradas como experimentos de contra-poder, que caminham na contramão dos métodos de disciplinarização, proporcionando aos sujeitos momentos onde o relacionamento consigo e com os outros são ressignificados, engendrando formas inéditas de sentir, refletir e agir. Um desses momentos inéditos é expresso por uma das entrevistadas, como pode ser visualizado a seguir:

A gente começa a pensar, a dar valores as coisas, sabe? (...) As coisas podem ser mudadas simplesmente da forma como elas são mostradas pra gente, a gente pode dá um significado totalmente diferente às coisas (universitária, 19 anos).

Tem-se, desta forma, a vivência da arte cinematográfica articulada à arte do bem viver possibilitando a construção de novas estéticas do conduzir-se e governar a si, onde todo e qualquer sujeito pode tornar-se artesão de sua própria existência. Assim, tal como a subjetividade, a liberdade é uma prática construída; erigida por meio das escolhas de cada sujeito. Para tanto, esclarece Sousa Filho (2007), em qualquer dos caminhos que os sujeitos escolherem trilhar e mais, na própria escolha que é a liberdade, o sujeito construirá sua vida como decidir, mas criando as condições de coexistência com o outro, pois não pode haver liberdade apenas no sujeito, mas vivenciada por ele nas relações com todos os demais.

A arte do existir é, portanto, uma obra de alcance coletivo, implicando a construção de valores pautados na solidariedade e na criatividade. O processo de

mudança está, então, na reinvenção do viver. São as próprias escolhas e a busca em transformar-se em uma obra de arte que permite a instauração de novas construções, novos pensamentos, experimentos de liberdade, portanto, aquelas já mencionadas, *mudanças de ordem moral e cultural*.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os momentos de lazer são especialmente propícios às novas formas de subjetividade. Estes momentos passam a ter uma maior valorização quando a possibilidade de escolha destas atividades se torna concreta. O caráter lúdico que permeia as práticas de lazer e a possibilidade que o vivenciante tem de eleger qual atividade experimentar, de que forma, o tempo em que será praticado, dentre outros fatores, potencializam as vivências de lazer para a prática de si, para a intensificação das relações consigo e com o outro, para a vivência de novas formas de sociabilidade e para a prática da liberdade.

Como foi anteriormente caracterizado, o Cineclube Natal se apresenta como um espaço que possibilita o cuidado de si e, por sua vez, a construção de sujeitos mais críticos e criativos. A facilitação deste exercício é primordial na construção da liberdade. O lento e cotidiano processo de autoformação precedido por atitudes reflexivas não vem com um piscar de olhos, corpos extenuadamente imersos em relações de poder necessitam de experimentos que facilitem esta tomada de atitude.

Embora a complexidade de se inferir até que ponto uma narrativa cinematográfica pode ou não modificar a subjetividade de acordo apenas com a fala dos entrevistados seja bem limitada, a importância do incentivo à experimentação de atividades que possibilitem estes momentos é capital.

O fenômeno do lazer, social e associativo, se caracteriza por um momento onde a busca do prazer é latente e a necessidade de estar consigo se confunde com o desejo do compartilhar com o outro. É entremeado por vivências voluntárias onde os sujeitos se tornam mais fluidos e suas subjetividades mais propícias a mudanças. Desta forma, novas experiências e encontros que possam possibilitar a arte do viver, a possibilidade de se construir em conformidade com as problemáticas de seu tempo e de modo radical é um desafio para as sociedades hodiernas, para mulheres e homens, corpos diversificados que em meio a novos dispositivos intermediadores de suas subjetividades e processos de subjetivação, necessitam encontrar formas de caminhar na contramão da disciplinarização.

## REFERÊNCIAS

- ALONSO, M; MATILLA, L. Imágenes en acción. Madrid: Akaal, 1990. In: FERRÉS, Joan. **Televisão e Educação**. Tradução de Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p.8.
- BERNADET, Jean-Claude. **O que é cinema**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981. 117p.
- DAHL, Gustavo. Cinema: produzir para não distribuir. In: CANDIDO, José Mendes de Almeida et al. (Org.). **Cultura brasileira ao vivo**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2001. p. 53-58.
- FERRÉS, Joan. A televisão como meio de socialização. In: \_\_\_\_\_. **Televisão e educação**. São Paulo: Arned, 1996. p. 57-68.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**. 7. ed. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1994. 232 p. v.2
- \_\_\_\_\_. **Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)**. Tradução de Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997. 134p.
- \_\_\_\_\_. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: **Ditos e escritos: ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 265-287. v.5

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 200 p.

GUSMÃO, Milene Silveira. **O desenvolvimento do cinema**: algumas considerações sobre o papel dos cineclubes para a formação cultural. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14469.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2009.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do lazer**: uma introdução. 3. ed. São Paulo: Autores Associados, 2002. 100p.

MENDES, Maria Isabel Brandão de Souza. **Mens sana in corpore sano**: saberes e práticas educativas sobre corpo e saúde. Porto Alegre: Sulina, 2007. 167p.

SOUSA FILHO, Alípio de. Foucault: o cuidado de si e a liberdade, ou a liberdade é uma agonística. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL MICHEL FOUCAULT, 4, Natal, 2007. **Anais**...Disponível em: [http://www.cchla.ufrn.br/alipiosousa/index\\_arquivos/ARTIGOS%20ACADEMICOS/ARTIGOS\\_PDF/FOUCAULT,%20O%20CUIDADO%20DE%20SI%20E%20A%20LIBERDADE.pdf](http://www.cchla.ufrn.br/alipiosousa/index_arquivos/ARTIGOS%20ACADEMICOS/ARTIGOS_PDF/FOUCAULT,%20O%20CUIDADO%20DE%20SI%20E%20A%20LIBERDADE.pdf). Acesso em: 18 dez. 2009.

VILLAVERDE, Sandoval. Corpo, lazer e natureza: elementos para uma discussão ética. In: BRUHNS, Heloisa Turini; GUTIERREZ, Gustavo Luis. (Org.). **Representações do lúdico**: II ciclo de debates “lazer e motricidade”. Campinas: Autores Associados, 2001. p. 105-122.

#### **Endereço das Autoras:**

Karla Michelle de Oliveira  
Maria Isabel Brandão de Souza Mendes  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN  
Departamento de Educação Física  
Programa de Pós-Graduação em Educação Física  
Av. Senador Salgado Filho, 3000, Campus Universitário  
Lagoa Nova Natal/RN - Cep: 59.072-970  
Endereço Eletrônico: isabelmendes@ufrnet.br